

Sobre leitura e escritos autobiográficos: apontamentos teóricos

Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CAMARGO, MRRM., org., SANTOS, VCC., collab. *Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p. ISBN 978-85-7983-126-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

1

SOBRE LEITURA E ESCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS: APONTAMENTOS TEÓRICOS

*Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo*¹

É a intenção, neste texto, transitar por entrelaçamentos da leitura e da escrita como espaços prenhes e plenos, às vezes, pincelados, às vezes, incursionados, nos quais sujeitos, da leitura e da escrita, deixam marcas de um modo subjetivo de ser; essas marcas dão a ver alguns elementos que remetem a aportes autobiográficos².

1 Graduada em Licenciatura em Ciências pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1974), graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (1987), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1994), doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2000) e pós-doutorado na Universidade de Barcelona, Espanha (2008). Atualmente é professora-assistente doutora da Unesp, junto ao Departamento de Educação, onde trabalha como professora na área de Didática. É credenciada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp (Instituto de Biociências), *campus* de Rio Claro, na Linha de Pesquisa Linguagens: práticas culturais e formação. É membro associado da Associação de Leitura do Brasil (ALB) e vice-presidente da entidade (biênio 2009-2010). Membro de corpo editorial da *Revista Educação: teoria e prática* e membro de corpo editorial da *Revista Leitura: teoria e prática*. É sócia-fundadora da Sociedade Brasileira de História da Educação. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, ato de escrever, educação de jovens e adultos, escrita e práticas culturais.

2 Este texto é uma versão revisada do material produzido durante o Estágio Pós-Doutoral, realizado na Universidade de Barcelona, Espanha, em 2008. Contou com o apoio financeiro da Unesp/Banco Real. Convênio n. 241/007.

De um modo de ser subjetivo, que não se vincula ao pessoal e em que se referir em primeira pessoa não carrega a intenção de deter a verdade, ao imergir em páginas e páginas de leitura, abrem-se-nos possibilidades de um caudal de pensamentos que nunca se sabe onde vai dar... A esses modos relacionam-se questões para pensar em formação. Tais leituras podem ser situadas na trajetória acadêmica, ou na diversidade da biblioteca que cada um de nós maneja ao longo da vida; aquela que extrapola ser trajetória acadêmica e entra na constituição do existir.

Se a leitura é fonte e espaço de formação, o que não dizer da escrita, do exercício da escrita? Com todas as letras e marcas que definem a condição social da escrita, não há como desconsiderar a relação que se estabelece, solitária, necessária, tensa, de tortura criadora, que confere um lampejo de existência a si mesmo, porque escreve. Os autores que nos dizem tal são vários, diversos em tempos e lugares, situados em diferentes campos do pensamento humano; na história, na literatura, na academia, seja em prosa ou poesia, seja em imagens, desenhadas ou elocubradas. Às vezes com maior clareza, muitas vezes, nem tanto, aventurar-me pelo exercício da escrita tem norteado estudos, reflexões, trabalhos compartilhados. Tornar aventura a escrita é alocá-la em um espaço de invenção, de interlocução aberta à produção de sentidos na dinâmica de suas dobras, de possibilidades de experimentação pela e na linguagem, de experiência.

No entrelaçamento da leitura e da escrita, há a considerar-se o diálogo intenso e polifônico que vai se estabelecendo, texto a texto, palavra a palavra, entre vozes próximas e distantes, alimentado pelo saber, pela afinidade, pela paixão, pela amizade, na construção de uma ideia ao sabor da pena ou das teclas ou nas contradições intencionais no que se diz, na lucidez quando se reconhece o fantasma que faz o elo entre o autor/escritor e o leitor, ou leitora.

O texto que aqui apresento transita por algumas leituras que focam processos de escrita, postos pelo próprio autor, ou por leitores que a esses processos dão destaque, e tem no horizonte a escrita de si. Em algumas referências há a indicação de serem escritos auto-

biográficos, o que poderia situá-los no campo da autobiografia; em outras, tal indicação não se encontra explicitada. Da leitura de cartas, diários, cadernos pessoais escritos ao sabor das horas, em espaços da intimidade ou como alternativa para a insônia, ou de prefácios, compilações, publicados, em geral, em livros, destaca-se que tal diversidade material tem sido fonte e objeto nos estudos históricos, no campo da história, nos estudos literários, nos textos literários ou não tidos como, nos estudos da escrita como práticas sociais e culturais, nas investigações que se assomam no campo da formação de professores, nas histórias de vida. O que são, como são definidos, ou como definem o objeto de estudo, que lugar ocupam, em que contribuem quando o eixo é metodológico, são algumas indagações e reflexões quase constantes nos referidos estudos. Para além da preocupação em vinculá-los ao campo da autobiografia, há a considerar-se que são fontes materiais férteis para estudos autobiográficos.

Algumas indagações fazem o elo entre as leituras, o exercício da escrita e a escrita de si: escrever, no caso das cartas, ou dos diários, ou cadernos pessoais de anotações, ou ainda um texto acadêmico, que contribuições pode trazer para reflexões do ato de escrever? Ou para o signatário, autor, ou seja, aquele que escreve? E quando o foco é a própria escrita? E quando o foco é si mesmo no exercício da escrita?

Para além de uma busca da apresentação de si, o muito e o como se diz, também as lacunas percebidas (às vezes, intuídas), como se fossem ecos do silêncio, podem ser pensados como um *exercício da escrita de si*.

Estudos autobiográficos. Enlaces do pensamento pela escrita

Um dos estudos que ancora as reflexões a respeito do *exercício da escrita de si* é a obra *En la era de la intimidad* de Nora Catelli (2007). Trata-se de um livro organizado em duas partes, composto

por vários ensaios, sendo que a segunda parte *El espacio autobiográfico* constitui-se de estudos já publicados em 1991.

De início, vale atentar para o que a autora refere como íntimo. “*Lo íntimo es el espacio autobiográfico convertido en señal de peligro y, a la vez, de frontera; en lugar de paso y posibilidad de superar o transgredir la operación entre público e privado*” que por sua dimensão imaginária “*no es sólo desconocimiento (o punto ciego) sino movimiento de ruptura y, por tanto, poderoso dinamizador*”. (Catelli, p.10)³

Trata-se, o livro, de uma série de ensaios que são mergulhos críticos em obras de autores e estudiosos, que se tornam mananciais de buscas, e oferece consistentes subsídios teóricos para os estudos autobiográficos, levantando contradições e aguçando para uma perspectiva de quebra de cristalizações teóricas. Um dos aportes da reflexão da autora é a prosopopeia que

consiste en poner escena a los ausentes, los muertos, los seres sobrenaturales o los inanimados. Consiste también en hacerlos hablar, actuar y responder; en tomarlos testigos, garantes, acusadores, vengadores o jueces. Es una figura de la retórica clásica, una figura del pensamiento: hay siempre en ella un juego entre dos tiempos, dos espacios, dos entidades, animadas o inanimadas, pertenecientes a dos clases distintas de seres. (ibidem, p.224)

É a prosopopeia que considera a retórica da autobiografia e que possibilita um borrar das fronteiras estabelecidas entre ficção/não ficção/escritura, entre texto/leitura/leitura de si; com a mesma intensidade, demarca uma visão de impossibilidade do sujeito da escrita autobiográfica coincidir com o “eu” autobiográfico. Situando-se no campo dos estudos literários e da crítica literária, a autora lança fios em direção à história, à linguagem, à leitura, que trans-

3 Ao referir-se a questões inerentes à intimidade, Nora Catelli (2007, p.27) situa o íntimo no vértice do público e do privado, referenciando José Luis Pardo, 1996.

passam as formalidades dos campos e imiscuem-se em modos de existir e fazer.

Uma das pontas do fio da meada, que é também o primeiro parágrafo da *Introducción*, é a indicação do signo da era da intimidade, demarcado pelo valor de veracidade no discurso, o que torna evidente o sujeito, e ao mesmo tempo a inexistência de um instrumento definitivo para capturar esse sujeito. Segundo a autora:

Lo subjetivo, la vivencia, la experiencia encarnada en la confesión o el testimonio expresan esa medida común de veracidad que el discurso propone y que sólo puede traducirse, como figura de la interioridad, en lo íntimo, transformado en prueba de una certeza que se basa en la fiabilidad textual de su localización y, al mismo tiempo, de manera contradictoria, en la convicción de su inaccesibilidad existencial. (ibidem, p.9)

Desse ponto de vista, seguindo a autora, no campo de História, por exemplo, esse valor de veracidade possui alcances limitados, uma vez que no íntimo não reside a verdade da História, mas uma via para se compreender a História. A questão crítica da veracidade, para além de ser verdade ou mentira, abre horizonte para um sujeito não capturável. Em continuidade, retoma autores que, em diferentes momentos – da história e de suas produções – apresentaram contribuições significativas para o debate no campo dos estudos autobiográficos. Entre as produções abarcadas estão diários, teorias, autorias.

Não se trata, aqui, de uma revisão do trabalho da autora, mas de cinzelar alguns tópicos de seu posicionamento e reflexão que me aproximam de questões pertinentes à escrita autobiográfica, embrenhando-me por autores por ela indicados e por outros que vêm norteando nossos estudos, com os quais temos estabelecido diálogos em nossas produções.

Um desses tópicos diz respeito ao espaço tenso, contraditório, que é a escrita autobiográfica, concernente ou que transcende a questão de gênero, literário ou estético, como no ensaio publicado

em 1991, em que focaliza Paul de Man e a obra *La autobiografía como desfiguración*, de 1980. Catelli põe em pauta a afirmação de que a autobiografia não é um gênero, mas um movimento pelo qual o informe sofre uma desfiguração. No instante em que a narração começa (o momento autobiográfico autorreflexivo) aparecem dois sujeitos de algum modo impossíveis: o informe [sem forma], o vazio prévio, e a máscara que desfigura esse vazio. O sujeito da experiência ao momento da escrita, que culmina na autorreflexão, que é um relato da experiência, não é mais *o sujeito* da experiência: é a máscara.

A essa perspectiva dos dois sujeitos impossíveis de conviverem num só, Catelli abre, com Bakhtin, uma brecha para a interveniência de ele mesmo, como autor. Considera o traçado histórico da construção do gênero autobiográfico apontando que, para Bakhtin, o autobiográfico como “escritura de uma vida” não chega a ser estetizado até o momento em que se passa da pergunta da confissão “Que fiz eu?” para a pergunta da autobiografia “Quem sou eu?”. A configuração estética é focada com Teresa de Ávila, que conta sua vida aos seus confesores e suas irmãs e não a Deus, o que carrega a premência do sentido da pergunta “Como estou me representando?” Esta pergunta, segundo a autora, “*introduce la noción de proceso y perfectibilidad del dispositivo retórico en la confesión y, al mismo tiempo, relativiza el problema de la verdad y la mentira, que se tornan asuntos literarios y no valores absolutos extrínsecos*”. (ibidem, p.310). Registra-se, ainda que neste momento sem aprofundar, a questão indiferenciada da primeira e terceira pessoa na biografia (também indiferenciada da autobiografia) em que o autor é sempre *outro*; e registra-se o estudo que Bakhtin faz da obra de Dostoiévski, repetindo em várias passagens, sua opção pelo discursivo, pelo estético; ali inventa um lugar para o autor: ser personagem (Bakhtin, 1981).

Ainda dos estudos de De Man, Catelli retoma no ensaio de 2006, as figuras do torniquete e da porta giratória como possibilidade de entendimento do movimento da escrita autobiográfica, da questão de gênero e como reflexão da questão do sujeito. Do movimento entre o torniquete que sufoca, que paralisa, que captura o sujeito do

vivido, e a porta giratória como uma figura da vertigem pela aceleração ao infinito das possibilidades, De Man delinea o conceito de gênero, concernente à escrita autobiográfica, como algo unitário e crucial, superando a posição de dupla função estética e histórica dos mesmos, ficcional e aportada na história dos gêneros. Segundo a autora, a proposta de De Man para a saída conceptual em meio a essas duas condições indecifráveis é que o torniquete ou a porta giratória sejam tropos de leitura e entendimento. A leitura é o momento da vertigem, da experiência abismal em qualquer texto, da alienação do sujeito. O abismo suporta-se porque é parcial. Diz o autor, que

“El momento autobiográfico tiene lugar como alienación entre los dos sujetos implicados en el proceso de lectura, en el cual se determinan mutuamente en una sustitución reflexiva mutua”, lo cual supone una “estructura especular” interiorizada en cualquier texto en el que el autor se declara sujeto de su propio entendimiento. (De Man apud Catelli, p.38-39).

No entanto, ao não se definir entre o que e quem se dá o jogo especular, o autor mantém a indefinição da concepção de sujeito. Essa indefinição demaniana talvez possa ter sido o pórtico para uma apropriação da desconstrução, dentro do assédio e incluso da demolição do sujeito universal no âmbito mesmo dos gêneros autobiográficos, como escreve Catelli (p.41); por sua vez, se Paul De Man, assim como Michel de Certeau, um outro autor na pauta dos escritos de Catelli,

se sirven de la lectura como equivalente universal de la experiencia intersubjetiva, surge, de este uso, otra manera de reflexionar sobre lo autobiográfico ligando su creciente presencia genérica [como género] con la lectura y con el desarrollo histórico de su universalización. Probablemente, lectura y autobiografía enlacen en el tiempo de la Historia como caras opuestas de un mismo proceso – problemático y contradictorio – de subjetivización y individualización de la experiencia colectiva. (ibidem, p.42).

Leitura e autobiografia, este é outro fio que puxo de Catelli: *enlaçadas, interpenetradas*, mudam o estatuto teórico de uma e de outra: autobiografia desloca-se para uma visão de movimento, que supera ser gênero estético (ficcional) ou histórico, e leitura para uma visão de subjetivação e individualização da experiência coletiva. Nesse contexto uma pergunta apresenta-se: em que aspectos, escritos autobiográficos podem ser pensados como uma leitura de si a ser apresentada ao outro?

Como ficam as questões que enlaçam, interpenetram, autobiografia e escrita, do ponto de vista de quem escreve? Não é a proposição aqui fazer uma separação de leitura e escrita, mas voltar o foco para o que diz de si mesmo, quem escreve; escritores, ou autores, estão no horizonte dessa busca: Foucault (2006), Larrosa (1996; 2003), Morey (2007), Bakhtin (1981)... Signatários de cartas são autores e, muitos deles, são escritores. Lembrando ainda que os guias e sábios a que lia Kafka, por exemplo, estão em seus diários (Catelli, p.111); estão nas cartas publicadas de Mário de Andrade, independente de quem seja o/a destinatário/a, e não na forma de citação, mas “incorporados” a um assunto ou estado de espírito, ou “aconselhamento ao destinatário” (Camargo, 2000); ou, como em outras tantas referências que temos conhecimento, além desses dois autores, de leituras que interpenetram obras.

A autobiografia do ponto de vista de quem escreve. No ensaio que intitula *Los diarios de Virginia Wolf: en el centro del arco Iris*, Catelli toma como eixo a matéria que preenche do granito – fatos, introspecção, política, crônicas, juízos literários, pessoas que conhece, costumes, as coisas, enfim, as quais reconhece como não sendo inertes, nelas incrusta seu discurso, literário, subjetivo, das quais faz brotar o espectro de cores do arco-íris. Diz, a própria Virginia, que não podemos viver só de imaginação, não nos bastam as novelas, as tramas, as obras de teatro.

Ni las películas, ni los destinos de la ficción. Cuánto más convencidos nos encontramos de que todo es ficción – la Historia, la Antropología, la Etnología – más dependientes nos volvemos de que los

estímulos ajenos a la pura ficción, a la pura imaginación. Por eso recurrimos a las biografías y a todo lo que las rodea: cartas, diarios, apuntes, memorias, bocetos. (apud Catelli, p.85)

Do diário como objeto da escrita, escreve Virginia sobre o diário de Katherine Mansfield,

Lo que nos interesa en el diario no es la calidad de su escritura ni el grado de su fama, sino el espectáculo de una mente – una mente tremendamente sensible – que recibe, una tras otra, las azarosas impresiones de ocho años de su vida. Su diario fue una compañía mística. “Acércate, tu, invisible, desconocido, hablemos los dos juntos”, dice al iniciar un nuevo volumen ... fue anotando hechos – el tiempo, un compromiso; pergreñó escenas; analizó su propio carácter; describió una paloma, un sueño, o una conversación: no podía haber nada más fragmentario. Tenemos la impresión de estar contemplando una mente que se halla a solas consigo misma... como acostumbra a hacer el pensamiento en su soledad, se divide en dos y habla consigo mismo. Katherine Mansfield habla de Katherine Mansfield. (Wolf, 1983 p.5-8)

De si mesma, em *Um esboço do passado*, no primeiro esboço das suas memórias, Virginia W. diz que essas “são algumas das minhas primeiras recordações. Mas é claro que, enquanto relato de minha vida, elas são enganosas, porque as coisas que não lembramos são tão importantes quanto as que lembramos; talvez sejam até mais importantes”. (Wolf, 1986) Essas primeiras recordações dizem respeito ao incidente do espelho, quando ela dava o melhor de si para descobrir razões que a faziam sentir-se envergonhada de olhar o próprio rosto, e mesmo assim não acreditava ter chegado à verdade. Ligado ao incidente do espelho está um sonho que teve em que, enquanto se olhava no espelho, uma cara horrível apareceu, de um animal, por trás do ombro. Assumindo o incidente como um acontecimento da sua vida, não tendo nenhum motivo para mentir, Wolf pergunta-se: “Será que um dia eu estava me olhando no espelho quando alguma coisa no fundo se mexeu e me pareceu viva? Não

tenho certeza. Mas nunca esqueci o outro rosto no espelho, fosse ele sonho ou realidade, e nem que ele me assustou”. No caso de Wolf trata-se da escrita das memórias, que têm temporalidade, finalidade e motivos diferentes, por exemplo, das cartas que escreveu.

Referem-se ainda a Wolf as palavras escritas por Quentin Bell na *Introdução aos Diários de Virginia Wolf*.

Nas cartas com certeza ela inventa; e às vezes o faz com a intenção de entreter, sabendo perfeitamente que o destinatário não a levará a sério. Nos diários, porém não pretende divertir, e tais fantasias são raras. Ela sem dúvida falseia a avaliação que faz de pessoas: isso equivale a dizer que só é fiel a sua disposição de ânimo no momento em que escreve, contradizendo-se muitas vezes quando há uma mudança da disposição de ânimo, de modo que, ao escrever bastante sobre alguém, com frequência nos deparamos com um juízo que oscila entre extremos. Mas, ainda que tendenciosa e por vezes mal informada ou negligente, ela não mente intencionalmente para si própria ou mesmo para ser agradável a algum futuro leitor. A editora destes diários muitas vezes teve oportunidade de corrigi-la em pequenos detalhes, mas acredito que jamais tenha descoberto algo que fosse completa invencionice. (Bell apud Wolf, 1989)

O escrever para o outro, “explicitado” com Wolf, ao mesmo tempo que determina [quem escreve] a escrita, também esconde, intencionalmente ou não, pelo que aparece [a cara – ou rosto – de um animal no espelho que também pode ter sido um sonho], ou pelo susto e este é só de *quem* escreveu e não *no que* está escrito. (Camargo, 2000)

Se por um lado, tais pensamentos escritos abrem para uma certa indiferenciação, seja concernente a gênero, literário, estético, funcional, histórico, por outro lado, há que se considerar a proeminência do próprio ato de escrever como uma necessidade vital, e que emerge da experiência de ser... humano, mulher, homem, escritora. Lembramos Virginia, como apontado antes, Kafka, Morey (2007), Clarice Lispector...

Minhas intuições se tornam mais claras ao esforço de transpô-las em palavras. É neste sentido, pois, que escrever me é uma necessidade. De um lado, porque escrever é um modo de não mentir o sentimento (a transfiguração involuntária da imaginação é apenas um modo de chegar); de outro lado, escrevo pela incapacidade de entender, sem ser através do processo de escrever. (Lispector, 2004, p.182)

Por vezes, a proeminência do ato de escrever torna-se necessidade vital pela simplicidade da tarefa, como podemos ler em Agota Kristof, no capítulo *Como hacerse escritor*. Diz ela:

En primer lugar, hay que escribir, naturalmente. Luego, hay que seguir escribiendo. Incluso cuando no le interese a nadie, incluso cuando tenemos la impresión de que nunca interesará a nadie. Incluso cuando los manuscritos se acumulan en los cajones y los olvidamos para escribir otros (...) La gente viene para verme, para escucharme, para preguntarme cosas. Sobre mis libros, sobre mi vida, sobre mi trayectoria como escritora. He aquí la respuesta a la pregunta: uno se hace escritor escribiendo con paciencia y obstinación, sin nunca perder la fe en lo que se escribe. (2006, p.66-71)

Agota Kristof é uma escritora, distanciada do país de origem (Hungria); de início se recusa a escrever na língua do país que a acolhe (França) por entender-se “analfabeta”; nas entrelinhas, pode-se ler uma certa “resistência” para não se distanciar da língua materna, pois o que “alimenta” sua escrita é um modo *entranhado* de ser cultural, o que confere um *elo de existência própria, à escrita*.

Do ponto de vista de um outro modo de necessidade vital, nos aportamos na *Escrita de si*, de Foucault, que faz parte dos estudos sobre as artes de si mesmo, sobre a estética da existência e o domínio de si e dos outros na cultura greco-romana. Na cultura estudada, atém-se em documentos dos séculos I e II; um deles, são os hupomênata (caderno de notas) e outro é a correspondência.

Sobre a correspondência diz o autor: a missiva permite o exercício pessoal; a carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia; assim como, pela leitura e releitura, age sobre aquele que a recebe; a carta enviada para ajudar seu correspondente para aconselhá-lo, exortá-lo, admoestá-lo, consolá-lo constitui para aquele que escreve uma espécie de treino; a assistência espiritual, prestada por aquele que escreve, lhe é devolvida, pois aquele que é aconselhado progride e torna-se mais capaz de dar por sua vez conselhos, exortações e à aquele que o ajudou; nesse sentido, serve de enquadre para mudanças que a ajudam a se tornar mais igualitária.

Apesar de pontos comuns com a hupomnêmata, a correspondência é mais do que o adestramento de si, como diz Foucault; constitui também uma certa maneira de se manifestar para si mesmo e para outros, uma vez que a carta torna o escritor “presente”, uma espécie de presença imediata e quase física; escrever é, portanto, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. A carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança ao destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer a seu olhar por meio do que lhe é dito sobre si mesmo; a carta prepara de certa forma um face a face. Por sua vez, a reciprocidade que a correspondência, estabelece não é simplesmente do conselho e da ajuda: ela é a [reciprocidade] do olhar e do exame. A carta que, como exercício, trabalha para a subjetivação do discurso verdadeiro, para sua assimilação e elaboração como “bem próprio”, constitui também, e ao mesmo tempo, uma objetivação da alma; o trabalho que a carta opera no destinatário, e naquele que a envia, implica em uma introspecção, menos como um deciframento de si e mais como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo. A narrativa de si é a narrativa da relação consigo mesmo e é possível encontrar dois pontos estratégicos: o corpo e os dias. (p157).

Em um resumo assim feito, e fragmentário, corre-se o risco da descontextualização dessas afirmações, plenas de exemplos, passagens ilustrativas, indagações; por ora, aproprio-me das considerações finais do autor ao dizer que, no caso do relato epistolar de

si mesmo, trata-se de fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se lança sobre si mesmo ao comparar suas ações cotidianas com as regras de uma técnica de vida. (p.1620). E, como diz, nenhuma técnica, nenhuma habilidade profissional pode ser adquirida sem exercício.

Das correspondências, no âmbito das reflexões a respeito dos escritos autobiográficos, a leitura de cartas tem apontado algumas contribuições para questões da arte de escrever; assim também os escritos, assumidos ou não, como autobiográficos. O que dizem as cartas? Que contribuições podem trazer quando o foco do olhar é a escrita de si? Em seguida, trago dois breves trechos, com certeza não recortados ao acaso, que carregam a força de enredamento da escrita, da leitura, da escrita de si.

Um deles, de Kafka a Felice.

Querida: te pido con las manos alzadas que no sientas celos de mi novela. Cuando los personajes en la novela se dan cuenta de tus celos, se me escapan, más aún cuando sólo los tengo agarrados por la punta de sus vestidos. Y ten en cuenta que, si se me escapan, tendría que correr tras de ellos, aunque fuera hasta el mundo de las tinieblas, su verdadero hogar. La novela soy yo, mis historias son yo. Así que, te ruego, ¿dónde existe el menor motivo de celos? De hecho, cuando todo lo demás está en orden, mis personajes se cogen del brazo y corren a tu encuentro, para, en último término, servirte a ti. Ciertamente que, incluso en tu presencia, no me desprendería de la novela; sería terrible que fuera capaz de ello, pues gracias a que escribo, me mantengo con vida, me aferro a esa barca en la cual te encuentras tú, Felice. Ya resulta bastante triste que no consiga auparme a ella. Pero comprende, Felice, que tendría que perderte a ti y a todas las cosas si alguna vez perdiera el escribir. Carta escrita de 2 al 3-I-1913. (Kafka, 2003, p.41)

O outro, de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa.

Eu sei escolher os agrados-verdades que perduram. Como o que você me diz agora da Lira, Henriqueta. Ontem ainda eu falava a um

amigo, que depois da fase cega da criação, a lira tinha entrado agora na fase do desgosto: essa segunda fase maldita em que a obra de arte ainda não se desligou completamente de você, está ainda cheia de você, e você confere desolado que ela não disse tudo o que estava em você, não é você, mas ainda não tem vida própria e independente. E tudo é fraco, é imperfeição, é insuficiência. É pau isso mas você chegou na hora pra me repor em esperança, num pouco mais de confiança em mim mesmo. Guardo sua a carta por enquanto junto a Lira. Carta escrita em 25-X-44. (Andrade, 1991, p.165-6)

Ao meu entender, as cartas escritas por Kafka e por Mário de Andrade (as que temos acesso) constituem material privilegiado para um estudo da escrita de si. Por entre uma quase infinidade de palavras escritas, que dizem, são escritas porque, presume-se, têm algo a dizer; e, por entre esse mar revoltado de palavras que compõem as cartas, há também ecos de silêncio. Nas cartas que Kafka escreve a Felice e que Mário de Andrade escreve a Henriqueta Lisboa, podemos ler trechos em que um fala de si e em que um “deixa” ou “cria” espaços de silêncio para falar de si.

Exercício de escrita e escrita de si. Exercícios de formação?

A palavra *exercício* nos remete à ideia de... atividade? Ação? Instrumento de aprender? Repetição? Algo que nos é imposto realizar, ou nos impomos em vista de? Algo que se realiza e que se pensa pouco vinculado à reflexão? Algo que se realiza e não se sabe como definir em relação à reflexão?

A palavra *exercício*, neste trabalho, inspira-se nos exercícios a que se impuseram Claus e Lucas no romance homônimo de Agota Kristof (2007, p.47), como *ejercicio de endurecimiento del cuerpo* em que:

al cabo de un cierto tiempo, efectivamente, ya no sentimos nada. Es otro quien siente dolor, otro el que se quema, el que se corta, el que

sufre (p.21); ejercicio de endurecimiento del espíritu en que a fuerza de repetirlas, las palabras van perdiendo poco a poco su significado, y el dolor que llevan consigo se atenúa (p.25); ejercicio de mendicidad (p.35); ejercicio de ceguera y de sordera en que más tarde, con el tiempo ya no tenemos necesidad de pañoleta para los ojos ni hierba para los oídos. El que hace de ciego sencillamente vuelve la mirada hacia el interior, y el sordo cierra los oídos a todos los ruidos (p.40); ejercicio de ayuno (p.43); ejercicio de crueldad.

Exercícios que são verdadeiras preciosidades em exercitar e exercitar-se.

Acrescente-se que tais exercícios ocorrem em um contexto de radicais e efetivas mudanças que atingem os personagens, dois garotos, irmãos, sem nome próprio e sem carteira de identidade até a página 158 da novela (ou talvez sejam um só, o mesmo, indiciado pela inversão das letras do nome). Os nomes *Claus* e *Lucas* só aparecem na segunda parte da novela, intitulada *La prueba*, que também pode ser lida como um exercício, agora, de viver separados. (Talvez possamos nos remeter, aqui, à ideia de desfiguração, apontada por De Man.) São mudanças efetivas, do convívio com a mãe que dizia: “*queridos míos! Mis amorcitos! Yo os quiero... No os abandonaré nunca... Sólo os querré a vosotros... Siempre... Sois toda mi vida...*” (p.25) para a avó que a eles se dirigia chamando-os *hijos de perra*; mudança do local, das pessoas do entorno, dos costumes, da língua, da linguagem, das necessidades criadas, que requer, impulsiona, impõe mudanças de outras ordens, como incluso nos exercícios de escrever, um tratado de estudos, em duas páginas secas, em que a escolha da palavra é fundamental.

Escribiremos: “comemos muchas nueces”, y no: “nos gustan las nueces”, porque la palabra “gustar” no es una palabra segura, carece de precisión y de objetividad. “Nos gustan las nueces” y “nos gusta nuestra madre” no puede querer decir lo mismo. La primera fórmula designa un gusto agradable en la boca, y la segunda, un sentimiento. (Kristof, 2007, p.31)

Talvez porque os tempos fossem de guerra e “*las palabras que definen los sentimientos son muy vagas; es mejor evitar usarlas y atenderse a la descripción de los objetos, de los seres humanos y de uno mismo, es decir, a la descripción fiel de los hechos*” (ibidem, p.31).

Ao meu modo de interpretar o ato de escrever, na escrita de cartas, na escrita de si, os estudos autobiográficos contribuem para nos aproximarmos da escrita como formação. Na relação tensa configurada pelo íntimo, o espaço autobiográfico, no qual inserem-se os estudos autobiográficos, temporalizados, contextualizados, é convertido em sinal de perigo e de fronteira, em lugar de passagem e de possibilidade de transgressão entre público e privado, que por sua dimensão imaginária não é só região desconhecida, mas também de movimento, de ruptura. Ao sinal de perigo atribuímos a desestabilização, o deslocamento das situações estáveis; à perspectiva de fronteira, atribuímos a fertilidade dos limites borrados entre o que se sabe e o que não se sabe, entre o que se diz pela escrita e o que a escrita não consegue dizer. São questões fundamentais para o que pode ser entendido como formação.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, M. *Querida Henriqueta*. Cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa. Org. de Abigail de Oliveira Carvalho; transcrição dos manuscritos por Rozani C. do Nascimento; revisão, introdução e notas por Lauro Palú. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- ARFURCH, L. *El espacio biográfico*. Dilemas de La subjetividad contemporánea. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2002.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- BAJTÍN, M. *Hacia una filosofía del acto ético*. De los borradores y otros escritos. Barcelona: Anthropos, 1997.
- CAMARGO, M. R. R. M. *Cartas e Escrita*. 2000. Tese (Doutorado). Disponível em <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000276984>

- CATELLI, N. *En la era de la intimidad*. Seguido de: El espacio autobiográfico. Rosário: Beatriz Viterbo Editora, 2007.
- FOUCAULT, M. *Ética, sexualidade, política*. Org. de Manoel B. Motta; tradução de Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- KAFKA, F. *Escritos sobre el arte de escribir*. Recompilados por Eric Heller y Joachim Beug. Tradução de Michael Faber-Kaiser. Madrid: Ediciones y Talleres de Escritura Creativa Fuentetaja, 2003
- KRISTOF, A. *La analfabeta*. Tradução por Juli Peradejordi. Barcelona: Edic. Obelisco S.L., 2006.
- LARROSA, J. *Estudar. Estudiar*. Tradução de Tomaz Tadeu e Sandra Corazza. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- . *La experiencia de la lectura*. Estudios sobre literatura y formación. Barcelona: Laertes S.A. 1996.
- LISPECTOR, C. *Água viva*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.
- . *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- MOREY, M. *Pequeñas doctrinas de la soledad*. México: Editorial Sexto Piso S.A., 2007.
- WOLF, V. Um esboço do passado. In: ———. *Momentos de vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- . *Os diários de Virginia Wolf*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- . Una mente tremendamente sensible. Prólogo. In: MANSFIELD, K. *El garden party y otros cuentos*. 2. ed. Barcelona: Ediciones Del Cotal S.A., 1983.